

# Que Rap é esse? Histórias E Narrativas Do Movimento Hip Hop Em Mato Grosso Do Sul.<sup>1</sup>

Matheus Firmino Leite, UFMS

Palavras-chave: Historiografia do Hip Hop; Mato Grosso Do Sul; Hip-hop Studies;

O Hip Hop pode ser pesquisado a partir dos seus quatro pilares: o Rap, o Break, o DJ e o Grafite. Como uma encruzilhada, cada uma dessas linguagens comunicam aos historiadores múltiplas possibilidades de investigação. Cada uma delas é constituída por suportes narrativos, imagéticos, sonoros e materiais diferentes. Fontes históricas produzidas de acordo com as especificidades de cada uma delas. Cada pilar do movimento foi apropriado e organizado de forma particular e não pretendemos abordar essas especificidades neste trabalho.<sup>2</sup>

Este trabalho visa contribuir com os estudos que têm sido reconhecidos como parte do empreendimento dos Hip-hop Studies e apresenta investigações parciais realizadas com o objetivo de estabelecer reflexões historiográficas consistentes sobre a História e historiografia do Hip Hop na diáspora afro-atlântica. Partindo da articulação de fontes digitais publicadas nos sites Rap Dab ([rapdab.com.br](http://rapdab.com.br)) e Campo Grande News ([campograndenews.com.br](http://campograndenews.com.br)) nos propomos a apresentar algumas das histórias e narrativas do Hip Hop, um movimento cultural protagonizado por juventudes subalternizadas (índigenas, negros, periféricos, etc.) que colocam suas demandas e reivindicações nas suas expressões artísticas. Como a pesquisa sobre o Hip Hop é reconhecidamente um fazer que atravessa por diferentes ecossistemas midiáticos tornou-se incontornável verificar que tipo de discursos eram produzidos na internet.<sup>3</sup>

O Hip Hop elegeu três DJs como seus fundadores, todos homens negros diga-se de passagem: Afrika Bambaataa; Grandmaster Flash e Kool Herc. O rap é um gênero de produção musical que surgiu dentro da diáspora africana – reconhecidamente na comunidade negra, latina e caribenha – que vivia nas periferias segregadas dos EUA na década de 1960. Kool Herc, um imigrante jamaicano é tido como o DJ que trouxe algumas das manifestações culturais do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

<sup>2</sup> BARROS, José D.'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Editora Vozes, 2020.

<sup>3</sup> LEME LOPES, André Pereira. **Virada digital? Pesquisa histórica no ciberespaço**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 136 - 169, abr./jun. 2018.

seu país que seriam a base da cultura Hip Hop. Os três eram os mestres de cerimônias das festas que rolavam no Bronx, o berço histórico do Hip Hop, como veremos ao decorrer deste texto. Estes eventos reuniam juventudes negras em torno da música e de discursos políticos que defendiam a mobilização da negritude em torno do fazer-se com autoestima tornando-se sujeitos de direitos.<sup>4</sup>

Cindy Campbell, gostaríamos de destacar, foi mais do que a irmã do DJ Kool Herc. Quando jovem foi artista grafiteira – seu tag era PEP-1 (174) – e B-girl<sup>5</sup>. Segundo o site Bocada Forte a iniciativa para organizar a primeira festa Hip Hop do Bronx surgiu pela necessidade da jovem Cindy Campbell retornar às aulas com roupas novas.<sup>6</sup>

Além disto é reconhecida como protagonista e geradora do movimento cultural em questão,

A jovem Cindy não foi apenas a primeira promotora e produtora de festas de Hip-Hop, ela também foi a primeira personal stylist no Hip-Hop, pois era ela que cuidava do figurino do seu irmão DJ Kool Herc, inclusive ela seguiu esse caminho profissionalmente na moda, como modelo e também estilista (Bf, Gil. Memória BF: Parabéns e obrigado Cindy Campbell! Bocada Forte, 28 de out. de 2023, grifo do original).<sup>7</sup>

Reconhecida não apenas pelas suas contribuições passadas, atualmente dirige a *Hip-Hop Preserve Inc.*, uma organização sem fins lucrativos que preserva as origens da cultura Hip-Hop e está trabalhando em uma iniciativa de saúde para fornecer recursos a artistas de Hip-Hop.

O site RapDab, um veículo independente que divulga notícias sobre o rap e os demais pilares da cultura Hip Hop, foi idealizado por Mateus Araújo em 2017 com a proposta de apresentar e fortalecer artistas independentes em início de carreira.

---

<sup>4</sup> Souza, Ana Raquel Motta de. **A favela de influência: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MCs**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2005.

<sup>5</sup> Informações retiradas da sua página biográfica do site Hip-Hop Education Center. Disponível em: <https://hiphopeducation.org/people/cindy-campbell/>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

<sup>6</sup> Trata-se de um portal brasileiro especializado em cultura Hip Hop idealizado por estudantes de comunicação em 13 de maio de 1999. Se apresentam com a missão de “Observar, noticiar, resgatar e decifrar informações relevantes, analisar fenômenos e levantar debates em torno dos mais variados assuntos concernentes à cultura de rua, oferecendo acesso gratuito a conteúdo multimídia (textos, imagens, fonogramas e recursos audiovisuais)”. Disponível em: <https://www.bocadaforte.com.br/sobre-o-bf>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

<sup>7</sup> Bf, Gil. Memória BF: Parabéns e obrigado Cindy Campbell! Bocada Forte, 28 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.bocadaforte.com.br/destaque-bf/memoria-bf-parabens-e-obrigado-cindy-campbell>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

O portal publicou em 2022 e 2023 duas versões das origens do movimento Hip Hop. Sendo elas comentadas a seguir:

Dia 12 de Novembro de 1973, essa foi a data instituída como o nascimento do hip-hop com a fundação da Zulu Nation (Nova Iorque – Bronx), a pioneira e mais importante organização do hip-hop mundial. Na década de 1970, há cerca de 50 anos atrás na quebrada do Bronx, gueto de Nova Iorque, nascia a nossa aclamada e querida cultura/movimento Hip Hop. Através de sonoridades únicas com influência de estilos musicais de origem afrodescendentes, como o funk, RnB, o blues, rock, reggae e jazz. O jamaicano Clive Campbell, mais conhecido como Kool Herc, foi o primeiro DJ a definir o perfil do movimento em seus eventos, fortemente influenciado pela cena sound system de *Kingstown*, terra natal do artista, organizava junto com “Afrika Bambaataa e Grandmaster Flash” festas no quarteirão do Bronx, conhecidas como block parties. As festas mesclavam suas experiências musicais, com novas experimentações com vinis, isolando a parte instrumental de faixas clássicas e a transformando com outras batidas integradas. Buscando causar a melhor sensação e vibe no público presente. Claro, também com suas fortes críticas sociais.<sup>8</sup>

A reportagem acima foi publicada no aniversário de quarenta e nove anos do Hip Hop. Evidência disto é a reportagem publicada no ano seguinte para celebrar os cinquenta anos de Hip Hop. Vejamos:

11 de Agosto de 1973: Kool Herc e sua irmã Cindy Campbell organizam uma festa, na avenida Sedwick, 1520, Bronx, em Nova Iorque. A festa ficou marcada como o NASCIMENTO do Hip Hop. O DJ percebeu que o público se divertia quando tocava a parte rítmica das canções de James Brown na ausência da letra (os breaks). Dessa forma Herc tirou a agulha dos toca-discos, produzindo os primeiros scratches e possíveis remixes de músicas, ao vivo, durante a sua performance. Na mesma noite, o amigo do DJ jamaicano Kool Herc chamado “Coke La Rock“, pegou o microfone e começou a rimar por cima das batidas de Herc em busca de animar o público ,e foi nesta noite que nasceu o RAP. Coke é considerado por muitos o primeiro mestre de cerimônia na história do Hip Hop. Na mesma noite, o amigo do DJ jamaicano Kool Herc chamado “Coke La Rock“, pegou o microfone e começou a rimar por cima das batidas de Herc em busca de animar o público ,e foi nesta noite que nasceu o RAP. Coke é considerado por muitos o primeiro mestre de cerimônia na história do Hip Hop. Por fim no dia 11 de agosto, foi considerado por todos os primórdios do movimento, como o Dia do Nascimento do Hip Hop. Kool Herc e muitos outros, são responsáveis por toda a cultura ter se propagado ao redor do planeta e principalmente, pelo Breaking estar incluso como esporte Olímpico.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Araújo, Mateus. Dia Mundial do Hip Hop, como surgiu o movimento na década de 1970? Rap Dab, 12 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2022/11/12/dia-mundial-do-hip-hop-como-surgiu-o-movimento-na-decada-de-1970/>. Acesso: 19 de fev. de 2024.

<sup>9</sup> Araújo, Mateus. 11 de agosto de 1973: há 50 anos nascia a cultura Hip Hop no Bronx. Rap Dab, 11 de ago. de 2023. Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2023/08/11/11-de-agosto-1973-nascimento-do-hip-hop/>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

Felipe Oliveira Campos (2019) aponta essa duplicidade de atribuição como uma convenção intransponível para a invenção de uma tradição do Hip Hop. Para o autor existe um espaço de seleção em que participam desta “seleção” não apenas os envolvidos na cultura Hip Hop, mas um conjunto de forças ou grupos de interesse. Contudo,

[...] não nos cabe resolver aqui se o início do que entendemos por Hip Hop se dá a partir de uma prática (ainda não consciente de seu significado) ou se a partir do conceito. Ainda que o conceito de hip-hop tenha vindo representar o conjunto de uma prática coletiva, uma cerimônia completa, e não apenas uma festa específica. Também não nos cabe responder se somente é Hip Hop as práticas que congregam todos os elementos na mesma cerimônia, ou se cada elemento artístico em sua prática específica pode ser tão Hip Hop quanto, mesmo desacompanhado. A essas questões acreditamos que não existam respostas fáceis, apenas tomadas de posição.<sup>10</sup>

Na nossa interpretação, essa postura deixa em aberto a possibilidade de reconhecer um duplo movimento de construção narrativa de mito de origem abrangente mas condicionado pelos projetos individuais e coletivos dos sujeitos engajados no Hip Hop. Tais processos evidenciam as ressignificações e disputas internas não apenas por parte dos rappers, mas também por parte dos críticos culturais que se encarregaram de fazer a história e memória do movimento.

### **Algumas narrativas do Movimento Hip Hop em Mato Grosso do Sul**

A fotografia abaixo é o destaque da matéria “Com direito a break no altar e no salão, noivos celebram união no estilo hip hop”. Trazemos essa fotografia como uma homenagem ao Hip Hop. Como uma celebração das histórias possíveis de serem contadas – histórias que só podem ser contadas pelo Hip Hop. Mas o que vemos nela afinal? Um casal de jovens negros flutua em frente a um muro com diferentes grafites e pixos. Eles saltam em comemoração ou improvisando um passo de dança.

Pela foto vemos o sorriso de Aline – ela está bonita em seu vestido. Penso na ironia dessas fotos. Será que estão no álbum de casamento deles? Será que houve um álbum? Pelo enquadramento identificamos que eles estão na Orla Ferroviária de Campo Grande. A escolha de “posar” em movimento revela duas

---

<sup>10</sup> Campos, Felipe Oliveira. **Cultura, Espaço e Política: um estudo da Batalha da Matrix de São Bernardo do Campo**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2019, p. 62.

qualidades apreciadas na cultura Hip Hop: criatividade e originalidade. Assim como no texto jornalístico, a composição da fotografia induz nossa atenção para os tênis do casal.<sup>11</sup>

### Imagem 1.

Aline e André saltam juntos para a vida de casados. “Se conhecerem dançando e assim permaneceram até o altar”.



Foto 01: Aline e André saltam juntos para a vida de casados. “Se conhecerem dançando e assim permaneceram até o altar”. Lucas Lobo. 31 de mai. de 2016.

Aline e André se conheceram em uma apresentação de break nos idos dos anos de 2011. Cada um com uma trajetória própria dentro do movimento Hip Hop. Casaram-se no dia 27 de maio de 2016. O vestido de noiva, o terno alinhado e os tênis símbolos da cultura Hip Hop: a jornalista Naiane Mesquita parece estar fascinada com tudo que envolve a história que ela contou em primeira mão.

A cerimônia foi realizada numa igreja evangélica na vila Célia, bairro onde André Sakamoto “sempre morou”. Nos chama atenção o fato de que sua presença na reportagem parece ter sido bem menor do que foi no casamento. André não concedeu entrevista, sua presença na festa é registrada apenas pelas declarações da sua esposa e pelas lentes do fotógrafo Lucas Lobo.

---

<sup>11</sup> MESQUITA, Naiane. **Com direito a break no altar e no salão, noivos celebram união no estilo hip hop.** Campo Grande News. 31 de maio de 2016. <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/com-direito-a-break-no-altar-e-no-salao-noivos-celebram-uniao-no-estilo-hip-hop>. Acesso: 04 de jul. de 2024.

O que sabemos com certeza é que ele fez uma coreografia impecável no salão antes da entrada de Aline. A festa de casamento foi um evento prestigiado por muita gente da cultura Hip Hop. Muitos dos convidados eram do tempo em que eles se conheceram. A fala de Aline abaixo demonstra isso:

“Por mais que a gente não dance nos mesmos grupos, a amizade continua. Quando dançamos no salão, as crianças já levantaram, quem sabia também acompanhou. Foi bem legal, não teve crise, bem tranquilo”, diz.<sup>12</sup>

O casal, junto com *uma irmã* e com um amigo, integrava naquele momento um outro grupo de break dance, o Ground Groopers. Como dito anteriormente tanto André quanto Aline tinham suas próprias histórias dentro do Hip Hop, mas através da reportagem conhecemos pelo menos um pouquinho da de Aline:

“Sempre gostamos da cultura hip hop, eu comecei dançando outros estilos e cantando. Tenho um grupo vocal até hoje com as minhas irmãs, o Angelus. Cantamos muito black music, soul, músicas de igreja, em casamentos, o que os noivos quiserem. No dia eu também cantei com minhas irmãs”, relembra.<sup>13</sup>

Em Campo Grande entusiastas da cultura Hip Hop também têm denunciado experiências de discriminação e criminalização das suas expressões artísticas. Algumas reportagens do jornal CampoGrande News registram pistas das manifestações dessas relações. Nos idos de 2011 a cena Hip Hop da cidade morena parecia estar muito consciente do seu papel na sociedade e dos seus direitos. Um grupo de artistas decide então realizar um modesto evento na cidade. A expectativa de público? “Sete mil pessoas celebrando a arte e a paz”.

O Papo de Rua, que começou como uma página de Facebook, foi uma das estratégias de mobilização que artistas e produtores culturais da cidade para disputar acesso a espaços da cidade, bem como inscrever-se na “cultura sul-mato-grossense” Sua presença na cena parece ter sido frutífera. :

“Hoje o hip-hop só acontece em festas em residências aqui na cidade, não existe espaço para este tipo de música em bares e outros lugares. Queremos *divulgar e descriminalizar esses movimentos*, dar acesso para a população conhecer e *desvincular a imagem do Hip-Hop ligado com as drogas*”, explica o produtor cultural, e um dos organizadores do evento, Pietro Falcão. Ao redor de Pietro todo um cenário foi montado, transformando o espaço próximo da Concha da Praça do

---

<sup>12</sup>*Ibid.*

<sup>13</sup>*Ibid.*

Rádio em *uma mistura entre favela e cidade*, “onde habita o Hip-Hop”, diz Pietro. A cultura sul-mato-grossense parece que ainda é um entrave para a entrada de novas vertentes artísticas no Estado. “É muito difícil encontrar locais para tocar na cidade, o espaço é mínimo”, relata Eduardo Lopes, guitarrista da banda Lutano, que mistura rock com Hip-Hop e se apresenta no evento. “Campo Grande precisa conhecer a sua própria cultura, e deixar de se restringir somente a alguns estilos, como o sertanejo”, defende Pietro.<sup>14</sup>

Mas o que realmente chama nossa atenção é o tom elogioso com que a jornalista Anny Malagolini escreveu a matéria “Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa”.

## Imagem 2.

Manchete Jornalística em Suporte Digital



Foto 02: “Boa rebeldia”. Manchete jornalística em suporte digital. 22 de abril de 2023.

O grupo Prontuário Zona Norte foi um dos “frutos do movimento”. Em busca por espaços para eventos na cidade concluíram que a solução seria realizar festas para levantar capital para financiar suas empreitadas. O sonho de viver de rap é o incentivador para trabalharem firme.

Na falta de espaço para eventos para a turma do rap, por exemplo, eles conseguiram um empréstimo no banco de R\$ 2 mil para bancar uma festa no último final de semana em Campo Grande. O dono da conta, Alexandre Pazo, 21 anos, parcelou o financiamento em 48 vezes de R\$ 72,00 para realizar a “Vida Loka” no sábado. Com o empréstimo, o grupo alugou o salão, comprou bebida e locou alguns equipamentos para a apresentação de *grupos de rap de várias regiões da cidade, além de Bonito, Dourados, Rochedo e Sidrolândia*. Mas a turma na faixa dos 20 anos não é só festa, já apresenta um discurso politicamente correto. Alguns não andam de transporte público, por

<sup>14</sup>SQUINELO, Vinícius; VITORINO, Paula. **Hip-hop, grafite e break se unem na Capital na busca por reconhecimento e fim do preconceito**. Campo Grande News. Campo Grande, 10 de set. de 2011. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/hip-hop-grafite-e-break-se-unem-na-capital-na-busca-pelo-fim-do-preconceito>. Acesso: 20 de fev. de 2024.

conta do alto preço da passagem. Um boicote que acaba movimentando o grupo a pé ou na base do skate e da bicicleta.<sup>15</sup>

A fonte acima repercute discursos comuns que têm sido usados para representar o Hip Hop na mídia: 1) Existência e mobilização de grupos de rap de contextos locais e regionais; 2) valorização do protagonismo da juventude no ativismo e empreendedorismo social; 3) politização das condições da vida. Acreditamos que isso seja consequência direta do movimento histórico e da capacidade de hip hoppers de articularem um discurso público comum para se autorrepresentarem.

Como tentamos demonstrar as narrativas de origem priorizam as experiências de grandes centros urbanos da região sudeste que gradualmente disseminavam essas novas expressões culturais para as demais regiões brasileiras partem de uma compreensão do espaço como uma realidade pré-discursiva.<sup>16</sup>

Neste espaço abre-se um parêntese para apresentar alguns comentários a partir da contribuição do professor Durval Albuquerque Jr para se pensar os problemas mais comuns ao escrever tomando a “região” como realidade sem história.

Existe uma tendência de historiadores que reivindicam identidades regionais acriticamente como se os espaços - neste caso, a categoria “região” - fossem dados da realidade sem historicidade, como se fosse apenas um recorte cultural ou político-administrativo sem nenhuma influência das relações humanas. Para o autor a historiografia regional ficou mais focada no que aconteceu no interior dos limites regionais e não nos processos de produção e constituição destes limites. Fica estabelecida uma relação mútua de legitimação: a historiografia toma a região como locus privilegiado de produção de saber-poder enquanto repõe permanentemente a identidade regional como portadora de um passado e de uma memória que a legitima acadêmica e politicamente.

Essa retroalimentação é utilizada como ferramenta de manutenção de poder da classe dominante, uma vez que o apagamento do conceito de “região” enquanto área mutável, sujeita à diferentes interpretações e perspectivas entre os

---

<sup>15</sup>MALAGOLINI, Anny. **Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa.** Campo Grande News, Campo Grande, 22 de abr. de 2013. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/na-batida-do-rap-grupo-boicota-transporte-publico-e-faz-emprestimo-para-festa>. Acesso em: 20 de fev. de 2024.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Monizzi Mábile Garcia de. **As batalhas de rima no município de Campo Grande - MS: perspectivas para o Desenvolvimento Local.** 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2020.

diversos grupos que a compõem, e a propagação desta como conceito pré-estabelecido é vantajosa, no que se refere a prevenir correntes de pensamento que questionem essa legitimidade ou cogitem pensar outras formas de se entender tal região.

Portanto, o historiador que se interessa pela região, por qualquer recorte espacial que assim é nomeado, deve estar atento para os afrontamentos políticos, as lutas pelo poder, às estratégias de governo, de comando, os projetos de domínio e de conquista que aí estão investidos, que fizeram parte de sua instalação e demarcação, que estabeleceram as fronteiras e os limites que agora podem reivindicar como sendo naturais, ancestrais, divinos ou legítimos.<sup>17</sup>

Ou seja, falar em região implica falar nos intermináveis processos de disputa, negociação, migração, ressignificação, pertencimento e exclusão que organizam fluxos migratórios ou conflitos militares que definem fronteiras regionais. Sugestivamente muitos dos apontamentos aqui expostos podem ser dimensionados dentro de pesquisas cujo o “objeto” seja o Hip Hop.

Talvez nenhum outro grupo de Rap protagonizado por jovens no Mato Grosso do Sul apresente alinhamento com essas questões quanto Brô MCs. Em 2011, o grupo era mais conhecido fora do Mato Grosso do Sul: o grupo se apresentou na festa de posse da 36ª Presidente da República, Dilma Rousseff.

A jornalista Viviane Oliveira na reportagem “Aldeia e favela são a mesma coisa, diz rappers guarani kaiowá” publicada em 24 de agosto de 2011 apresenta um perfil artístico do grupo pertinente para compreender discursos a sobre identidade cultural regional:

Com exceções de reportagens factuais, o Brô MC's só recebeu destaque em jornais regionais quando foi atração na posse da presidente Dilma Rousseff, em janeiro. Mais do que qualidade musical, o grupo é importante pelo que representa e diferente porque pela primeira vez colocou o *ritmo dos negros dos EUA na língua dos guarani kaiowá*. A batida do rap é igual, mas as letras falam de preconceito contra os índios e miséria nas aldeias. “Aldeia é como favela. O que muda é que lá eles usam fuzil e aqui é facção”, compara Kelvin, um dos compositores das rimas. “Muita gente acha que o índio é como se fosse um lixo”, emenda.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008, p. 58.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Viviane. **Aldeia e favela são a mesma coisa, diz rappers guarani kaiowá**. Campo Grande News, Campo Grande, 24 de ago. de 2011. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes/aldeia-e-favela-sao-a-mesma-coisa-dizem-rappers-guarani-kaiowa>. Acesso em: 14 ago. 2023.

Nos idos de 2009 a Central Única das Favelas (CUFA) de Dourados ministrou uma oficina na aldeia indígena Jaguapiru. Desta oficina quatro jovens com idades entre 18 e 20 anos criaram o grupo de rap Brô MCs. O diferencial? Suas rimas misturam o português e o guarani (língua materna preservada e ensinada dentro das escolas da comunidade). Essa estratégia é claramente articulada como uma forma de se afirmarem como indígenas mesmo quando o racismo anti-idígena insiste em apagar ou diluir suas origens. São músicas de protesto que tratam da falta de oportunidades e da desumanização. Se aldeia e favela são a mesma coisa, não é de se estranhar que quatro jovens Guarani Kaiowá tenham enxergado no rap uma forma de denunciar as tragédias enfrentadas por suas comunidades no Estado.

O grupo também se mostrou engajado com os problemas enfrentados pela comunidade em que vivem durante a pandemia de Covid-19. De fato, na reportagem lida o enfrentamento à vulnerabilidade social vivida foi diretamente conectada com a negligência do poder público em garantir acesso à saúde nos territórios indígenas.<sup>19</sup>

Além disso, percebemos como o RAP tem sido atravessado por disputas nas políticas de representação e inteligibilidade cultural disponíveis. Isto é, se por um lado a etnicidade indígena está capturada pelo jogo de autenticidade tal debate neste caso ofusca a habitual preocupação sobre originalidade artística e legitimidade política:

Sobre a música ser tão distante da cultura indígena, Kelvin diz que “não é por que a gente ta cantando rap que a gente ta deixando nossa cultura, a nossa cara, a nossa pele e o nosso sangue já mostram que a gente é índio mesmo, por ai a gente é reconhecido de longe como índio mesmo”.<sup>20</sup>

A abordagem do rap indígena pelas reportagens do jornal Campo Grande News evidencia a forma essencialista e culturalmente fechada. O inconciliável antagonismo, mas também as negociações produzidas a partir desses conflitos, entre identidades culturais são registradas justamente pelo que não é dito.

---

<sup>19</sup> MAMÉDIO, Lucas. **Grupo indígena, Brô MCs, faz live para ajudar comunidade onde vivem.** Campo Grande News, Campo Grande, 09 de jun. de 2020. disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/grupo-indigena-bro-mcs-faz-live-para-ajudar-comunidade-onde-vivem>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Viviane. **Aldeia e favela são a mesma coisa, diz rappers guarani kaiowá.** Campo Grande News, Campo Grande, 24 de ago. de 2011. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes/aldeia-e-favela-sao-a-mesma-coisa-dizem-rappers-guarani-kaiowa>. Acesso em: 14 ago. 2023.

Quando analisamos biografias individuais ou coletivas percebemos que o discurso de valorização da negritude e de sujeitos periféricos convergiu para a elaboração de uma resposta à criminalização da pobreza. O Rap vai ser alçado ao posto de grande responsável por mudar a trajetória de vidas de pessoas que tinha muito poucas alternativas além de ser posto em conflito com a lei:

A vida na periferia em que Rafael Cassiano Ferreira da Silva cresceu não foi fácil. Porém, com a ajudinha de um dos pilares fundamentais da cultura do hip-hop, isto é, o canto discursado com rimas e poesias rítmicas chamado rap, lhe trouxe uma nova motivação ainda quando adolescente. Descobriu que é possível sim trilhar um caminho "de bem" e, principalmente, não guardar o ódio e a raiva da infância. Aos 23 anos, é o MC Versos67 que espalha a mensagem do que um dia aprendeu. [...] "Eu tinha 17 anos quando entrei para o mundo do rap. Antes eu já dançava hip-hop e conhecia a cena de rua. Na época, até cogitei e era incentivado pelos 'amigos' a entrar para a vida bandida, dar um 'jeitinho' no meu pai, afinal aquela era minha realidade e como eu achava que as coisas deveriam ser resolvidas", relembra. "Existia muito ódio na minha família. Meus pais sempre brigavam, discutiam feio. Eu apanhava do 'meu velho' às vezes sem motivo. Sei que nunca faltou comida para mim e minhas irmãs, mas minha infância não foi das melhores", considera.<sup>21</sup>

Como MC Versos67, Rafael utiliza do “rap de mensagem” para falar de traumas do passado e incentivar “a menorzada” a refletir sobre suas condições de vida e evitarem de “escolher a vida do crime”. Além de ser inserido no circuito de batalhas da cidade, o artista cantou na associação dos professores do bairro Parque dos Laranjais II e em Igrejas.

## **CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Neste trabalho foram apresentadas algumas das discussões feitas a partir de fontes digitais publicadas nos sites Rap Dab (rapdab.com.br) e Campo Grande News (campograndenews.com.br) buscamos desnaturalizar os discursos que fazem do Hip Hop uma entidade cultural desprovida de conflitos políticos. As reportagens apresentadas foram apresentadas de forma a ressaltar aspectos positivos da trajetória dos sujeitos engajados com Hip Hop, bem como apresentar diversos pontos de vistas que fazem da cultura Hip Hop do MS um tema de estudo indispensável para o desenvolvimento dos Hip-hop Studies na História.

---

<sup>21</sup> DELVIZIO, Raul. **Nos versos da periferia, Rafael se afastou do ódio e descobriu o perdão.** Campo Grande News, 10 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/nos-versos-da-periferia-rafael-se-afastou-do-odio-e-descobriu-o-perdao>. Acesso em: 07 de março de 2024.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

Cindy Campbell. Hip-Hop Education Center. Disponível em: <https://hiphopeducation.org/people/cindy-campbell/>. Acesso: 04 de jul. de 2024.

### Bibliografia

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras, Dourados, MS*, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ARAÚJO, Mateus. 11 de agosto de 1973: há 50 anos nascia a cultura Hip Hop no Bronx. *Rap Dab*, 11 de ago. de 2023. Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2023/08/11/11-de-agosto-1973-nascimento-do-hip-hop/>. Acesso em: 04 de jul. de 2024.

ARAÚJO, Mateus. Dia Mundial do Hip Hop, como surgiu o movimento na década de 1970? *Rap Dab*, 12 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2022/11/12/dia-mundial-do-hip-hop-como-surgiu-o-movimento-na-decada-de-1970/>. Acesso: 04 de jul. de 2024.

BARROS, José D.'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Editora Vozes, 2020.

CAMPOS, Felipe Oliveira. **Cultura, Espaço e Política: um estudo da Batalha da Matrix de São Bernardo do Campo**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2019.

DELVIZIO, Raul. **Nos versos da periferia, Rafael se afastou do ódio e descobriu o perdão**. *Campo Grande News*, 10 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/nos-versos-da-periferia-rafael-se-afastou-do-odio-e-descobriu-o-perdao>. Acesso em: 07 de março de 2024.

LEME LOPES, André Pereira. **Virada digital? Pesquisa histórica no ciberespaço**. *Tempo e Argumento, Florianópolis*, v. 10, n. 24, p. 136 - 169, abr./jun. 2018.

MALAGOLINI, Anny. **Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa.** Campo Grande News, Campo Grande, 22 de abr. de 2013. Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/na-batida-do-rap-grupo-boicota-transporte-publico-e-faz-emprestimo-para-festa>.

Acesso em: 20 de fev. de 2024.

MAMÉDIO, Lucas. **Grupo indígena, Brô MCs, faz live para ajudar comunidade onde vivem.** Campo Grande News, Campo Grande, 09 de jun. de 2020. disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/grupo-indigena-bro-mcs-faz-live-para-ajudar-comunidade-onde-vivem>. Acesso em: 22 de

fevereiro de 2024.

MESQUITA, Naiane. **Com direito a break no altar e no salão, noivos celebram união no estilo hip hop.** Campo Grande News. 31 de maio de 2016.

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/com-direito-a-break-no-altar-e-no-salao-noivos-celebram-uniao-no-estilo-hip-hop>.

Acesso: 04 de jul. de 2024.

OLIVEIRA, Monizzi Mábile Garcia de. **As batalhas de rima no município de Campo Grande - MS: perspectivas para o Desenvolvimento Local.** 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2020.

OLIVEIRA, Viviane. **Aldeia e favela são a mesma coisa, diz rappers guarani kaiowá.** Campo Grande News, Campo Grande, 24 de ago. de 2011. Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes/aldeia-e-favela-sao-a-mesma-coisa-dizem-rappers-guarani-kaiowa>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SQUINELO, Vinícius; VITORINO, Paula. **Hip-hop, grafite e break se unem na Capital na busca por reconhecimento e fim do preconceito.** Campo Grande News. Campo Grande, 10 de set. de 2011. Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/hip-hop-grafite-e-break-se-unem-na-capital-na-busca-pelo-fim-do-preconceito>. Acesso: 20 de fev. de 2024.

SOUZA, Ana Raquel Motta de. **A favela de influência: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MCs**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2005.